

Amizade e gênero nos conflitos de pré-escolares Friendship and gender in preschoolers' conflicts

Patrícia R. Daudt¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Luciana Karine de Souza²

Universidade Federal de Minas Gerais

Tania M. Sperb

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Abstract

Investigated the role of friendship and gender on conflict episodes of 48 preschoolers aged approximately 5 years and 8 months. Children were organized in dyads of same-sex friends and non-friends. Conflict situations were coded according to incidence, type, termination strategies, and finalizations. Gender differences were detected for type of conflict, with girls using more reasons for oppositions than boys. Termination strategies were used with a joint effect of friendship and gender: girl-friends preferred the tactic of standing firm whereas boy-friends chose more negotiation as means to deal with a disagreement, compared to the non-friend dyads. As for the results on conflict finalizations, friendship relations accounted for a significant difference found for agreement, while gender showed to be related to the use of disengagement among girls. Combined analysis between termination strategies and conflict finalizations indicated two significant differences: the first was related to friendship, through which children used more negotiation leading to agreement; the second showed a joint effect of friendship and gender, where non-friend girls tended to negotiate to reach disengagement, more often than non-friend boys. Findings for termination strategies – with girl-friends being more incisive and firm with their partners – diverge from the results provided by empirical literature, where boys are described as more autonomy- and domain oriented, and girls are prone to intimacy and social well-being in their relationships. Results are discussed with basis on previous studies conducted on conflict among preschoolers with considerations about the effects of gender and type of relationship.

Keywords: friendship, gender, conflict, preschoolers.

A literatura empírica sobre a interação de crianças tem relatado o impacto dos relacionamentos de pares sobre o desenvolvimento das habilidades sociais, cognitivas e afetivas na infância (Eckerman, Davis & Didow, 1989; Gottman, 1983; Rubin, 1986; Werebe

¹ Nota: Este estudo apresenta parte da dissertação de mestrado da primeira autora, orientada pela terceira autora, e defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Agradecimentos aos participantes, seus pais, professores e diretores das pré-escolas, que tornaram este estudo possível. Apoio: CNPq, CAPES e PROPESQ/UFRGS.

²Endereço para correspondência:

Profa. Luciana K. de Souza, UFMG-FAFICH, gabinete F-4050

Av. Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha

CEP: 31.270-901 - Belo Horizonte, Minas Gerais

Telefones: (31)3499-6264/5022. Fax: (31)3499-5027.

E-mails: luciana.karine@ufrgs.br

& Baudonnière, 1988). Nessa literatura destacam-se os estudos sobre amizade, considerados contextos promotores de competência social (Howes, 1983, 1987; Newcomb & Bagwell, 1996), de adaptação e desempenho escolares (Ladd & Price, 1987; Ladd, 1990; Ladd & Kochenderfer, 1996) e de bem-estar infantil (Ladd & Kochenderfer). Com relação à literatura empírica sobre amizade na infância, Garcia (2005) apresenta uma revisão crítica e ampla de uma centena de artigos publicados entre 1995 e 2003, dividindo as publicações em quatro grandes temáticas (aspectos metodológicos, dimensões de análise, redes sociais, e casos especiais), apontando lacunas na produção científica e sugerindo novos temas de pesquisa.

A amizade na infância vem sendo estudada empiricamente de forma sistemática desde a década de 1970, com a maioria dos estudos contrastando crianças amigas com crianças não envolvidas em uma relação de amizade (ou seja, crianças não-amigas) (Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996; Garcia, 2005; Newcomb & Bagwell, 1995). De modo geral, as investigações conduzidas evidenciam que crianças amigas se engajam mais em interações positivas (Masters & Furman, 1981) com benefícios emocionais e cognitivos (Azmitia & Montgomery, 1993; Hartup, 1996; Kerns, 1996), demonstram mais complementaridade e afeto mútuo nas interações sociais (Howes, 1983, 1987, 1996), são mais interativas e se envolvem mais em conversas com objetivos mútuos (Newcomb & Brady, 1982). Em outras palavras, a amizade tem sido considerada contexto para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança (Newcomb & Bagwell, 1995).

Os estudos que investigam crianças amigas mostram que a interação destas se diferencia das crianças não-amigas não apenas pela presença de comportamentos pró-sociais, mas também pela presença de discordâncias e de comportamentos hostis. Hinde, Titmus, Easton e Tamplin (1985) realizaram um estudo sobre o tema, no qual observaram que crianças amigas apresentaram um número maior de comportamentos hostis – agressões e ameaças – e de reações hostis – rejeição e resistência – do que crianças não-amigas. Hartup (1989) aponta que o estudo da amizade na infância deve abordar situações de conflito, que ocorrem em parte em virtude do montante de tempo que as crianças passam juntas. Nesse sentido, o conflito contribui tanto positiva como negativamente para a amizade, visto que amigos se motivam a minimizar os danos resultantes de conflitos (Hartup, 1992; Rizzo & Corsaro, 1988). Mediante a meta-análise de 82 estudos empíricos comparando crianças amigas e não-amigas, Newcomb e Bagwell (1995) validam a posição de Hartup, apontando que a contribuição positiva do conflito nas amizades parece ser a experiência decorrente das situações de manejo do mesmo.

Conflitos são eventos freqüentes no cotidiano da criança pequena (Chen, Fein, Killen & Tam, 2001; Killen, 1989; Killen & Turiel, 1991; Shantz, 1987). Segundo Shantz (1987), uma série de termos tem sido utilizada na literatura como correlatos do conflito, tais como comportamento agressivo, assertivo, aversivo, coercivo, conflituoso e de rompimento. Já nas

definições sobre eventos de conflito encontram-se referências a comportamentos ou objetivos incompatíveis, ou seja, quando uma pessoa abertamente se opõe às afirmações e ações de outra. Quanto a conflitos verbais, estes têm sido identificados por meio da clara oposição entre dois indivíduos em uma interação. Para Hartup, Laursen, Stewart e Eastenson (1988), conflito é uma situação em que uma criança “A” tenta influenciar uma criança “B”, mas esta última se opõe ou resiste, e a criança “A” persiste. Enquanto a agressão é um comportamento direcionado a causar dano a outrem, o conflito é um estado que se apresenta quando um indivíduo se opõe a outro (Hartup, French, Laursen, Johnston & Ogawa, 1993; Perry, Perry & Kennedy, 1992; Shantz, 1987).

Shantz (1987) conclui que, apesar de a agressão e o conflito serem de conceitos separados, definidos e operacionalizados de modo distinto, a tendência a equipará-los ocorre principalmente devido ao fato de que o comportamento agressivo ocorre mais freqüentemente nas situações de conflito social. Sua tese é de que, apesar de haver freqüentemente presença de agressão em situações de conflito, o oposto não é verdadeiro, isto é, nem sempre onde há conflito há agressão; a agressão é tão somente um dos muitos tipos de comportamentos que decorrem dos conflitos. Tal situação se apresenta mais claramente na consideração dos conflitos de ordem social, quando se pressupõe que através da concepção diádica do conflito os indivíduos tenham como objetivo a superação da resistência ou da oposição do outro. Esta dimensão mais ampliada do conflito social permite pensar sobre a variedade de comportamentos pró-sociais e anti-sociais que estariam presentes nas situações de conflito, como os tipos de oposição, as estratégias utilizadas para vencer a resistência do parceiro e os resultados destes conflitos.

Além do relacionamento de amizade, nas crianças pequenas o gênero também desempenha um papel importante nas interações sociais. A literatura aponta que, em pré-escolares, os meninos abrangem um maior número de crianças nas brincadeiras, interagindo em tríades ou grupos; as meninas, por sua vez, tendem mais a relações diádicas (Benenson, 1993; Maccoby, 1990). Para Hartup (1992), essa diferença remete à influência cultural a que estão submetidos meninos e meninas. Aos meninos é enfatizado o domínio e a autonomia, enquanto que às meninas, a proximidade e a intimidade nas relações sociais. Especificamente com respeito ao gênero em situações de conflito, entre meninas mais freqüentemente há o envolvimento de controle pessoal, ao passo que entre meninos emergem mais disputas por objetos (Shantz & Shantz, 1985). Tem-se observado também que há mais conflitos nos grupos de meninos e, quando o conflito ocorre, as meninas são mais propensas a usar estratégias para mitigar o conflito, ao passo que meninos fazem uso mais freqüente de ameaças e de força (Miller, Danaher & Forbes, 1986). Nos estudos recém relatados, no entanto, não foi avaliado o status da relação entre as crianças, isto é, a presença de amizade, variável importante no presente trabalho. Contudo, o que aqueles estudos

demonstram é que gênero é uma dimensão que deve ser considerada nas investigações que contemplem a interação de crianças. As pesquisas que abordaram conjuntamente amizade e gênero nas situações de conflito são relatadas a seguir (Hartup et al., 1993; Rose & Asher, 1999; Vespo & Caplan, 1993).

Há um conjunto de estudos que se destacam na literatura empírica que abrange a relação entre amizade e conflito na infância. Alguns destes estudos serão relatados mais detalhadamente, não apenas pela relevância científica, mas também por fundamentarem de modo substancial o presente trabalho.

Eisenberg e Garvey (1981) estudaram os conflitos verbais de 88 díades de crianças que se conheciam e que se desconheciam, de idades entre 2 anos e 6 meses e 5 anos e 6 meses. Neste estudo, foram identificados cinco principais tipos de oposição de uma criança com relação à proposta da outra: 1) um simples não, 2) presença implícita ou explícita de uma negativa, 3) uma contraproposta, 4) uma concordância para depois, e 5) evasivas. Os resultados deste estudo revelaram que o tipo mais freqüente de oposição foi o que apresentava justificativa para a oposição, seguido pela oposição que oferecia simples não. Foi notado que, apesar de menos freqüente, a oposição de simples não oferecia a maior possibilidade de o conflito continuar. Isto se deve, segundo Eisenberg e Garvey, às expectativas das crianças de obterem, juntamente com a oposição, uma explicação para esta resistência, do mesmo modo como ocorre nas discordâncias entre adultos.

Nelson e Aboud (1985) conduziram um estudo com o propósito de averiguar se crianças amigas e não-amigas diferem no manejo de conflitos. Os autores observaram 192 crianças do terceiro e quarto anos do ensino fundamental, organizadas em díades de amigas e de não-amigas. Nelson e Aboud demonstraram que as crianças amigas fornecem mais explicações para seus posicionamentos e são mais críticas com seus parceiros, do que as não-amigas. Concluíram que amigos respondem ao conflito de modo construtivo, o que vai à direção da premissa compartilhada na literatura de que situações de conflito promovem maior desenvolvimento social entre amigos.

Partindo da premissa de que situações de conflito entre amigos e não-amigos diferenciam-se, quantitativa e qualitativamente, Hartup e colaboradores (1988) examinaram a presença de conflito em 53 crianças amigas e não-amigas, de aproximadamente 4 anos e 3 meses de idade. As crianças foram observadas durante a atividade de brincar de contexto aberto, propiciando a ocorrência espontânea de conflitos. Ao todo, 146 conflitos foram identificados e analisados conforme 12 dimensões, dentre elas, tema do conflito, duração, estratégias de encerramento, resultado do conflito, e número de discordâncias. As crianças amigas e não-amigas diferiram significativamente quanto: 1) às estratégias de resolução de conflito, 2) aos resultados dos conflitos, 3) à intensidade dos conflitos, e 4) ao encaminhamento após o conflito. Nas estratégias de resolução de conflito as crianças amigas

negociaram mais e se desvencilharam mais facilmente do episódio, do que as não-amigas; estas últimas tenderam a permanecer firmes em suas posições. Nos resultados dos conflitos, as soluções igualitárias ou quase igualitárias, associadas a perdas e ganhos, foram mais comuns entre amigos. Os conflitos entre amigos foram menos intensos do que entre crianças não-amigas, mas não foram encontradas diferenças quanto à frequência da agressão entre os dois grupos. Por fim, quanto ao encaminhamento dos conflitos, após sua resolução os amigos permaneceram mais próximos fisicamente e interagiram mais uns com os outros.

Killen e Turiel (1991) investigaram a resolução de conflitos em 69 pré-escolares com idade entre 2 e 5 anos. Duas condições experimentais foram delineadas para envolver dois grupos de crianças: um grupo em contexto de brincadeira livre, e o outro onde as crianças deveriam sentar-se ao redor de uma mesa que apresentava um conjunto de brinquedos variados. Nesta segunda condição havia um experimentador que acompanhava, procurando não se envolver com as crianças. Foi observado que durante a brincadeira livre as crianças se mostraram mais responsivas a protestos de outrem e resolviam os conflitos por si mesmas assim que alguma criança reagia à situação. Na situação da brincadeira estruturada, o experimentador intervinha nos conflitos. Para Killen e Turiel as crianças parecem resolver seus conflitos sozinhas quando os adultos intervêm menos frequentemente nestas situações.

Outro estudo importante na literatura sobre conflito em crianças foi conduzido por Hartup e colaboradores (1993). Crianças entre nove e dez anos foram organizadas em 66 díades de mesmo sexo, amigas e não-amigas, e observadas em situações de conflito em contextos de campo fechado. Contextos de campo fechado, segundo os autores, são situações nas quais as crianças não podem escolher com quem, o que, onde e nem a duração de suas interações, levando amigos a discordarem mais intensa e frequentemente. O objetivo foi examinar o impacto da tarefa e do contexto sobre a presença e a intensidade do conflito nas díades. Os conflitos foram analisados conforme incidência, média de verbalizações por conflito, afirmações com e sem justificativa, concordâncias, agressão, e acordos. Em síntese, Hartup e cols. (1993) encontraram que, no contexto de campo fechado, amigos discordavam com maior frequência, intensidade e duração do que não-amigos. As asserções (quando uma criança verbaliza um comando para a outra) constituíram dois terços dos discursos de conflito das crianças, e as explicações acompanhadas de justificativa variaram conforme o sexo: com amigos, meninas usaram asserções acompanhadas de justificativas mais frequentemente do que meninos. Essas conclusões estão de acordo com pesquisas que sugerem que o comportamento das crianças em situações de conflito varia de acordo com o sexo da criança e o status da relação (Hartup et al., 1993; Rose & Asher, 1999).

De acordo com Vespo e Caplan (1993), a resolução dos conflitos em crianças amigas, quando comparadas àquelas apenas conhecidas, envolve mais atitudes conciliatórias, como negociação, conduzindo a resultados pacíficos para os conflitos. Dessa maneira, segundo as

autoras, compreende-se por que estes desfechos dão maior possibilidade às crianças de continuarem seu relacionamento. Vespo e Caplan também notaram um maior uso de negociação por parte dos meninos.

Fonzi, Schneider, Tani e Tomada (1997) observaram em díades de crianças amigas com oito anos de idade que, na iminência de um conflito, amigos negociam por mais tempo, demonstram mais sensibilidade para negociação e se comprometem mais com as contrapropostas. Noutro estudo foram investigadas as interações verbais e não verbais em situações de conflito em 217 díades de crianças entre 4 e 5 anos de idade, amigas e não-amigas. Os resultados deste outro trabalho apontaram que as crianças amigas usaram mais contrapropostas complementares (que envolviam o pedido de uma parte não questionada do objeto disputado), demonstrando, na visão dos autores, a aceitação fundamental da necessidade de compartilhar, inclusive afirmando o direito de se obter uma parte dos limitados recursos dispostos para as crianças no experimento (Tomada, Schneider & Fonzi, 2002).

Da revisão de literatura apresentada podem-se destacar os principais achados com respeito à investigação dos conflitos no contexto da amizade infantil. Assim, estudos sobre conflito mediante a análise de díades de crianças amigas e não-amigas, relatam que as primeiras, na comparação com as últimas: apresentam respostas mais construtivas aos conflitos (Nelson & Aboud, 1985); usam mais freqüentemente oposições seguidas de justificativas ou explicações para seus posicionamentos (Eisenberg & Garvey, 1981; Nelson & Aboud, 1985); participam de conflitos de menor intensidade em contexto aberto (Hartup et al., 1988), e de maior intensidade em contexto fechado (Hartup et al., 1993); discordam mais e com maior duração em contexto fechado (Hartup et al., 1993); negociam mais tanto em contexto aberto (Hartup et al., 1988) como em fechados (Fonzi et al., 1997); resolvem conflitos mais freqüentemente mediante mútuo desvencilhamento (Hartup et al., 1988); propõem soluções mais igualitárias pós-conflito, seguidas de maior interação e proximidade física após a conclusão (Hartup et al., 1988); diferem quanto ao sexo no uso de asserções, com meninas fazendo mais uso de justificativas que os meninos (Hartup et al., 1993); diferem quanto ao sexo no uso da negociação, por parte dos meninos (Vespo & Caplan, 1993); se comprometem mais nas contrapropostas (Fonzi et al., 1997); e fazem mais uso de contrapropostas de tipo complementar (Tomada et al., 2002).

Diante do exposto, fica claro que a amizade proporciona um quadro diferenciado para os conflitos de pré-escolares. Outra variável importante nos conflitos é o gênero, ainda que haja poucos estudos disponíveis com tal comparação. O presente estudo tem por objetivo investigar os conflitos em pré-escolares, atentando para a influência do gênero e da amizade nessas interações: díades de crianças de mesmo sexo, amigas e não-amigas, foram

observadas em situações de conflito. Os conflitos foram analisados quanto à incidência, tipo, estratégia de encerramento e finalização.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 48 crianças – 24 meninas e 24 meninos, com média de idade de 5 anos e 8 meses, situadas na faixa etária de 5 anos e 2 meses a 6 anos e 6 meses. À época do estudo, as crianças freqüentavam o nível B da pré-escola, oriundas de duas escolas infantis pertencentes à rede particular de ensino da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. As escolas, escolhidas por critério de conveniência, atendem ao nível socioeconômico médio-alto e possuem projeto pedagógico semelhante.

Procedimentos

Na etapa de seleção da amostra as professoras foram convidadas a indicar duplas de crianças, de mesmo gênero, que pudessem ser consideradas amigas, isto é, que são vistas freqüentemente juntas e escolherem-se mutuamente para brincar; e também de duplas que não eram consideradas muito próximas e que raramente ou nunca se escolhiam para brincar, referidas neste trabalho como crianças não-amigas. De posse dessas indicações a pesquisadora responsável pela coleta de dados freqüentou o ambiente das escolas por duas semanas com a finalidade tanto de familiarização com as crianças, como de confirmação das nomeações realizadas pelas professoras. Para tanto se lançou mão de observações das crianças durante o recreio e em sala de aula. Não foram incluídas na amostra as crianças identificadas por nível extremamente alto ou baixo de aceitação pelos colegas, ou crianças em atendimento psicoterapêutico ou psicopedagógico. Ao final, obteve-se 24 díades de crianças, organizadas em quatro grupos de seis díades cada, de acordo com o gênero e o tipo de vínculo: 1) meninos amigos, 2) meninos não-amigos, 3) meninas amigas, e 4) meninas não-amigas.

Uma sala de aula foi cedida especialmente para a realização da coleta de dados. Duas mesas e duas cadeiras foram arranjadas no centro do ambiente, com duas câmeras de vídeo fixas posicionadas em cantos diagonalmente opostos do recinto, permitindo a visualização das crianças de frente e de perfil. As crianças eram conduzidas à sala preparada para o estudo conforme as díades indicadas pelas professoras e confirmadas pela pesquisadora. Ao chegar eram apresentadas a dois conjuntos de peças coloridas de montar, conhecidas comercialmente como “Lego”: um dos conjuntos, previamente montado, representava uma casa de 16 cm de largura, 16 cm de altura, e 8 cm nas laterais; o outro se constituía das mesmas peças, porém soltas e espalhadas na mesa, acompanhadas de uma pequena árvore, uma cerca, um boneco e um ramalhete de flores. Fornecia-se o modelo montado para que as crianças optassem copiá-lo ou montar algo novo. Em seguida, pedia-se às crianças que

utilizassem as peças soltas para montarem algo juntas e de sua preferência. As díades foram filmadas em sessões de, em média, 30 minutos de duração, com final anunciado pelas próprias crianças.

De posse das sessões registradas em vídeo, passou-se à edição do material coletado. As cenas captadas pelas duas câmeras foram combinadas com o objetivo de se obter os melhores ângulos de visualização das crianças durante a realização da tarefa. Foram escolhidos os primeiros 15 minutos gravados de cada sessão de observação para fins de análise. As falas das crianças foram transcritas por duas auxiliares de pesquisa treinadas pela pesquisadora responsável, que era consultada em casos de desacordo quanto à identificação de qual criança estava verbalizando num determinado momento, de o que era falado, e da demarcação do início e/ou do final da fala.

Análise dos dados

As 24 sessões foram divididas em intervalos de 30 segundos de observação e analisadas por duas avaliadoras que, assim como no procedimento de transcrição das falas, consultavam uma terceira avaliadora em caso de discordância. Na primeira etapa de análise dos dados, os conflitos foram analisados com de acordo com: 1) incidência, 2) tipo, e 3) estratégias de encerramento. Quanto à incidência, os conflitos eram identificados nas sessões segundo o critério de Shantz (1987), mediante o registro da presença de discordância ou resistência na interação verbal das crianças, conforme segue: 1) a criança “A” verbaliza algo que influencia a criança “B”, 2) a criança “B” demonstra resistência, e 3) a criança “A” persiste.

Após a identificação dos conflitos, os mesmos eram categorizados quanto a tipo e estratégias de encerramento. Quanto ao tipo de conflito, recorreu-se a categorias oriundas da tipologia de Eisenberg e Garvey (1981), descrita a seguir:

- Conflito tipo 1 (T1): conflitos de simples não, isto é, verbalizações com uma recusa direta e única. Exemplo: Criança A: - Isso aqui, qué vê?; Criança B: - Ah, não.; Criança A: - Bota!
- Conflito tipo 2 (T2): conflitos com razão para oposição, verbalizações com recusa implícita ou explícita com presença de explicação desta recusa. Ex.: Criança A: - Deixa botá o relógio.; Criança B: - Mas não, vai ficá feio aqui.; Criança A: - Dá, mas deixa!
- Conflito tipo 3 (T3): conflitos com contraproposta, verbalizações que oferecem uma outra alternativa. Ex.: Criança A: - Ainda tá montando a casa, não precisa mais de Lego?!; Criança B: - É, mas vai desmontando.; Criança A: - Faz, mas não vai dar pra gente montar as duas coisas.

Na análise das estratégias de encerramento dos conflitos, foram consideradas a definição e classificação de Hartup e cols. (1988). Para estes autores as estratégias de

encerramento são aquelas táticas usadas pela díade pouco antes de cessar o conflito. As estratégias foram classificadas de duas formas:

- permanecer firme (PF): insistência sobre o objetivo original. Ex.: Criança A: - Eu sei, nós tamos fazendo uma coisa junta!; Criança B: - Não ta, não, tu ta fazendo sozinha!; Criança A: - Mas eu quero fazê isso assim.; Criança B: - Vamo botá o homenzinho dentro?!;
- negociação (PN): modificação de uma posição e/ou oferecimento de uma nova alternativa. Ex.: Criança A: - Não, é assim que se monta a casa.; Criança B: - Não.; Criança A: - Mais de dois andares vamo fazê. Tem que ser assim, ó!; Criança B: - Ah, bom!

As finalizações dos conflitos foram determinadas quando o último turno do evento foi identificado pela ausência de resistência ao que foi proposto no turno precedente. Para a determinação do término do conflito foi considerada a seguinte classificação, adaptada de Hartup e cols. (1988):

- desvencilhamento (D): verbalizações de conteúdo desvinculado do turno precedente. Ex.: Criança A: - Mas antes tu disse que queria fazê sozinha.; Criança B: - Olha aqui, ó!
- negociação (N): verbalização que apresenta uma concordância parcial, ou seja, coloca-se à disposição para rever sua posição quanto ao turno anterior. Ex.: Criança A: - Mas não dá...; Criança B: - Não dá pra puxá, então vô botá o relógio sabe onde? Aqui, ó!
- concordância (C): verbalização com clara aceitação em relação ao turno precedente. Ex.: Criança A: - Então como é que o cara vê as hora aqui?; Criança B: - É mesmo! Horas contrárias!

Na segunda etapa de análise dos dados procedeu-se à condução de Análise de Variância (ANOVA 2 X 2) para avaliar o efeito do tipo de vínculo entre as crianças (amigas ou não-amigas) e do gênero (masculino ou feminino) sobre : 1) a incidência de conflitos, 2) os tipos de conflitos (simples não, razão para oposição, ou contraproposta), 3) as estratégias de encerramento dos conflitos (permanecer firme ou negociação), 4) as finalizações dos conflitos (negociação, concordância, ou desvencilhamento), e 5) as combinações entre estratégias de encerramento e finalizações (permanecer firme/negociação, permanecer firme/concordância, permanecer firme/desvencilhamento, negociação/concordância, ou negociação/desvencilhamento).

Resultados

Os resultados são apresentados a seguir com a seguinte organização: 1) incidência de conflitos, 2) tipos de conflitos, 3) estratégias de encerramento, 4) finalizações, e 5) combinações entre estratégias de encerramento e finalizações. A Tabela 1 apresenta a

incidência média, o desvio padrão, o valor de F e o nível de significância (p) do total de conflitos, dos tipos e das estratégias de encerramento dos conflitos.

Tabela 1
Incidência, tipos e estratégias de encerramento de conflito, por grupo

	Amigos		Não-amigos		F ³	p ⁴
	Masculino M ¹ (DP ²)	Feminino M (DP)	Masculino M (DP)	Feminino M (DP)		
Incidência	2,50 (2,16)	4,66 (3,44)	1,83 (1,47)	1,66 (1,75)	3,70	0,068
Tipos						
Simples não	0,20 (0,40)	0,20 (0,19)	0,45 (0,45)	0,06 (0,16)	-	NS ⁵
Razão para oposição	0,23 (0,25)	0,70 (0,29)	0,29 (0,45)	0,65 (0,41)	7,74	0,011
Contraproposta	0,22 (0,27)	0,08 (0,20)	0,08 (0,20)	0,11 (0,20)	-	NS
Estratégias						
Permanecer firme	0,24 (0,31)	0,86 (0,24)	0,70 (0,40)	0,51 (0,44)	7,74	0,011
Negociação	0,42 (0,41)	0,13 (0,24)	0,04 (0,10)	0,31 (0,40)	4,82	0,04

Notas: 1)M = média; 2)DP = desvio-padrão; 3)Para 1 grau de liberdade; 4)p < 0,05; 5)NS = não-significativo.

Com respeito à incidência total de conflitos, ainda que a diferença encontrada para tipo de vínculo não tenha se mostrado estatisticamente significativa ($F_{(1)} = 3.70$, $p = 0,068$), os dados apontam uma tendência do grupo de amigos a apresentar mais conflitos do que o grupo de não-amigos. Os tipos de conflito, tomados em três categorias distintas, foram analisados a partir do cálculo das frequências relativas, dividindo-se a frequência absoluta da categoria pela frequência absoluta do total geral de conflitos. Como pode ser visto na Tabela 1, a análise dos tipos indicou um efeito principal para gênero, no que concerne ao conflito de tipo 2 (razão para oposição). Mais precisamente, as meninas diferenciam-se significativamente dos meninos ($F_{(1)} = 7,74$, $p = 0,011$) mediante o uso de mais razões para a oposição.

Na avaliação das estratégias de encerramento dos conflitos, os resultados apontaram um efeito de interação para tipo de vínculo e gênero para ambas as estratégias de encerramento – permanecer firme ($F_{(1)} = 7,74$, $p = 0,01$) e negociação ($F_{(1)} = 4,82$, $p = 0,04$), evidenciando diferenças significativas entre os quatro grupos (meninos amigos, meninas amigas, meninos não-amigos e meninas não-amigas). Foram conduzidas comparações de médias a posteriori (teste de Tukey). Observou-se que o grupo de meninas amigas destacou-se ao apresentar um número significativamente maior de uso da estratégia de permanecer firme do que os meninos amigos. Com respeito à tática de negociação, o grupo de meninos amigos negociou mais do que os meninos não-amigos.

Quanto às finalizações dos eventos de conflito (negociação, concordância e desvencilhamento), a Tabela 2 mostra a incidência média, o desvio-padrão, o valor de F e o nível de significância (p) dos tipos de finalizações para os grupos estudados. A análise revelou um efeito principal para tipo de vínculo referente à finalização concordância. O grupo de crianças amigas diferenciou-se significativamente das não-amigas ($F_{(1)} = 10,01$, $p = 0,004$), isto é, as crianças amigas finalizaram os conflitos concordando com o parceiro mais

vezes do que as não-amigas. Com relação à finalização de tipo desvencilhamento, observou-se um efeito principal para gênero. As meninas utilizaram significativamente mais de desvencilhamento do que os meninos ($F_{(1)} = 8,28$, $p = 0,009$). Para a finalização de tipo negociação não foram detectadas diferenças significativas entre os grupos.

Tabela 2
Finalizações de eventos de conflito, por grupo

Finalizações	Amigos		Não-amigos		F ³	p ⁴
	Masculino M ¹ (DP ²)	Feminino M (DP)	Masculino M (DP)	Feminino M (DP)		
Negociação	0,27 (0,44)	0,19 (0,19)	0,22 (0,40)	0,05 (0,13)	-	NS ⁵
Concordância	0,40 (0,40)	0,23 (0,18)	0,04 (0,10)	-	10,01	0,004
Desvencilhamento	0,15 (0,17)	0,62 (0,22)	0,50 (0,44)	0,80 (0,40)	8,28	0,009

Notas: 1)M = média; 2)DP = desvio-padrão; 3)Para 1 grau de liberdade; 4)p < 0,05; 5)NS = não-significativo.

Com o objetivo de analisar as combinações entre os tipos de estratégias de encerramento e suas conseqüentes finalizações, utilizaram-se as freqüências relativas de cada tipo de combinação: PF/N (permanecer firme/negociação), PF/C (permanecer firme/concordância), PF/D (permanecer firme/desvencilhamento), N/C (negociação/concordância) e N/D (negociação/desvencilhamento). A Tabela 3 mostra a incidência média, o desvio-padrão, o valor de F e o nível de significância (p) de cada combinação de estratégia de encerramento com finalização, para os quatro grupos.

Tabela 3
Combinações entre estratégias de encerramento e finalizações de conflitos, por grupo

Combinações	Amigos		Não-amigos		F ³	p ⁴
	Masculino M ¹ (DP ²)	Feminino M (DP)	Masculino M (DP)	Feminino M (DP)		
Permanecer Firme/ Negociação	0,27 (0,44)	0,19 (0,19)	0,22 (0,40)	0,05 (0,13)	-	NS ⁵
Permanecer Firme/ Concordância	0,08 (0,02)	0,14 (0,18)	-	-	-	NS
Permanecer Firme/ Desvencilhamento	0,13 (0,22)	0,66 (0,21)	0,61 (0,49)	0,61 (0,49)	-	NS
Negociação/ Concordância	0,58 (0,49)	0,27 (0,44)	0,16 (0,40)	-	4,79	0,04
Negociação/ Desvencilhamento	0,08 (0,20)	0,05 (0,13)	-	0,50 (0,54)	4,64	0,043

Notas: 1)M = média; 2)DP = desvio-padrão; 3)Para 1 grau de liberdade; 4)p < 0,05; 5)NS = não-significativo.

Os resultados para as combinações entre estratégias e finalizações mostraram um efeito principal para tipo de vínculo na combinação N/C. O grupo de crianças amigas apresentou uma incidência média de negociação seguida de concordância significativamente maior do que as não amigas ($F_{(1)} = 4,79$, $p = 0,04$).

Um efeito de interação para tipo de vínculo e gênero foi encontrado para a combinação N/D. Comparações posteriores entre médias indicaram uma diferença

significativa ($F_{(1)} = 4,64$, $p = 0,04$) para as meninas não-amigas em relação aos meninos não-amigos. A Tabela 3 mostra que as meninas não-amigas apresentaram uma incidência maior deste tipo de combinação do que os meninos não-amigos que praticamente não apresentaram esta combinação. A análise das combinações da estratégia de encerramento de tipo PF com qualquer das finalizações (PF/N, PF/C ou PF/D) não revelou diferenças significativas entre os grupos de meninos e meninas amigas e não-amigos.

Discussão

O presente trabalho buscou investigar os conflitos em pré-escolares, atentando-se para duas variáveis importantes na interação de crianças: amizade e gênero. Díades de crianças de mesmo sexo, organizadas em amigas e não-amigas, foram observadas em contexto fechado, no qual deveriam construir algo com peças de montar. Situações de conflito emergiram da interação das duplas durante a atividade. Os conflitos observados foram analisados quanto à incidência, tipo, estratégia de encerramento, finalização, e combinação entre estratégia e finalização. Diferenças foram detectadas quanto à relação entre as díades (de amigas ou apenas conhecidas), ao sexo das díades, e à combinação de ambos.

No presente estudo observou-se uma tendência para crianças amigas de apresentar mais conflitos durante a interação. Este resultado vai ao encontro da literatura empírica disponível, evidenciando a naturalidade e a universalidade destes episódios nos relacionamentos de amizade em crianças (Hartup, 1989; Hartup et al., 1988; Hartup et al., 1993). Quanto às diferenças de gênero na incidência de conflitos, os estudos em geral não têm revelado diferenças significativas. Este estudo está de acordo com a literatura, uma vez que também não há relatos de estudos com diferenças significativas entre gêneros especificamente para a incidência de conflito.

Nos tipos de conflito, a única diferença significativa detectada envolveu apenas gênero e com referência somente ao tipo mediante o qual a criança fornece justificativa para a oposição. As meninas, ao se oporem, usaram explicações para a oposição com maior frequência maior do que os meninos. Este resultado foi encontrado por Hartup e cols. (1993) entre meninas amigas, e por Eisenberg e Garvey (1981) em amostras de crianças sem atenção ao sexo e amizade. Na literatura encontra-se a explicação de que as meninas concordam mais entre si para prolongar a interação, ou seja, a maior incidência de afirmações com justificativas entre meninas evidencia um maior interesse em assuntos ligados ao relacionamento e ao bem-estar social. Já os meninos revelariam, no uso de

afirmações sem justificativa, evidências de questões de domínio e prestígio (Hartup et al., 1993).

No presente estudo, as estratégias de encerramento e as finalizações dos conflitos fornecem um panorama do modo como as díades encaminham o final destas situações e, portanto, como demonstram habilidades sociais. Iniciando pelas estratégias de encerramento do conflito, tanto o tipo de relacionamento como o gênero tiveram parte nos resultados: as meninas amigas permaneceram mais firmemente em suas posições do que os meninos amigos; e o grupo dos meninos amigos apresentou o maior número de estratégias de encerramento do tipo negociação. Dessa forma, os resultados da presente investigação, pelo menos no que se refere ao encaminhamento dos conflitos, não concordam com aqueles relatados na literatura, ou seja, de que as meninas seriam mais engajadas socialmente e meninos se orientariam mais para a satisfação individual (Hartup, 1992). Na investigação apresentada neste estudo, as meninas, mesmo amigas, buscaram, diante das situações de conflito, influenciar a parceira de forma incisiva e firme. Já os meninos, quando amigos, utilizaram-se freqüentemente de negociação, diferenciando-se especialmente dos meninos não-amigos, que praticamente não utilizaram esta estratégia.

Poder-se-ia dizer que nas situações onde se verifica oposição, apesar de as meninas usarem mais justificativas para oposição do que os meninos, prevaleceu o comportamento de permanecer firme. Mesmo com os meninos apresentando menos justificativas que as meninas para suas oposições, é entre meninos amigos que se observa um uso maior de negociação. Portanto, o tipo de relação estabelecido entre os meninos parece ter influência decisiva, uma vez que, quando não são amigos, a negociação não é a estratégia mais empregada. Estes resultados concordam com os de Vespo e Caplan (1993), que indicaram que atos conciliatórios, como negociar, são mais freqüentes entre meninos do que entre meninas.

Com referência à análise das finalizações dos conflitos, observa-se que, de modo significativo, as crianças amigas finalizaram mais os conflitos concordando com o parceiro. Isto pode ser entendido como resultado de um processo que revela, entre as crianças amigas, uma maior disposição para exercitarem habilidades de influenciar o outro, obtendo por fim a concordância deste. Nesse sentido, são esclarecedoras algumas das conclusões a que chegaram Eisenberg e Garvey (1981), que notaram que o uso das estratégias pelas crianças estava diretamente relacionado à resposta (por exemplo, insistência provocaria uma reação de insistência por parte da outra criança). Para as autoras, o alcance de uma resolução exitosa depende de mútuo esforço. Assim é mais provável que uma criança obtenha sucesso sobre seu opositor se conhecer as intenções deste (Eisenberg & Garvey).

Neste estudo, é importante ressaltar que a finalização do conflito por meio de concordância é o resultado de um processo, ou seja, chega-se à concordância mediante várias

verbalizações prévias. Por tal razão verificou-se, ainda, a que tipo de verbalização a concordância estava mais freqüentemente ligada. Observou-se que, durante o encaminhamento do conflito, a presença de negociação seguida de concordância era significativamente maior no grupo de crianças amigas do que no grupo de crianças não-amigas. O fato de as crianças amigas terem apresentado negociação e concordância durante suas discordâncias indica, de acordo com a literatura, a presença de importantes habilidades sociais (Hartup, 1989,1992; Vespo & Caplan, 1993), o que significa dizer que, neste estudo, as crianças amigas foram mais socialmente competentes.

Quanto às finalizações do tipo desvincilhamento, isto é, naquelas em que a criança oferece uma verbalização desvinculada do assunto, observa-se que são significativamente mais utilizadas pelas meninas. Também a presença de negociação seguida de desvincilhamento entre meninas não-amigas é significativamente maior do que entre meninos não-amigos, que não apresentaram esta situação. O gênero, no entanto, parece não influenciar os resultados dos estudos que abordam o desvincilhamento nas situações de conflito (Hartup et al., 1988; Laursen & Hartup, 1989). Apesar de estes estudos terem comumente incluído o desvincilhamento como um tipo de estratégia de resolução de conflito, e não como um tipo de finalização, como no presente estudo, de modo geral estas investigações encontraram um número significativo de estratégias de desvincilhamento entre crianças amigas.

No presente estudo, destacam-se dois aspectos: primeiro, observa-se uma influência do gênero feminino na emissão de finalizações de desvincilhamento e segundo, observa-se a influência tanto de gênero, no caso feminino, quando do tipo de relação, de não-amizade, na incidência da combinação negociação com finalização de desvincilhamento. Apesar de a negociação ser uma estratégia de encerramento típica dos meninos amigos, quando esta ocorre entre as meninas é freqüentemente seguida de desvincilhamento, sendo isto mais evidente no grupo de meninas não-amigas. Portanto, se desvincilhamento é um comportamento típico das meninas em geral, ele ainda é mais típico para as meninas não-amigas. Uma explicação para isto poderia ser a de que, quando as meninas não são amigas, estas teriam menor possibilidade de usufruírem do resultado da concordância. Nesse sentido, é importante salientar o quanto podem os meninos, em situação de conflito e em contexto de amizade, lançar mão de estratégias consideradas pela literatura como socialmente competentes.

Já em relação à estratégia de encerramento permanecer firme e aos diversos tipos de combinações destas com as finalizações, observa-se que não existem diferenças significativas entre os grupos. No entanto, cabe ressaltar que, quando as crianças permanecem firmes em suas posições, menos freqüentemente obtêm concordância de seus parceiros, já que esta combinação é a menos freqüente dentre todas as combinações. Esta constatação parece

complementar as afirmações feitas anteriormente e combinam com as fornecidas por Eisenberg e Garvey (1981), quais sejam, de que o tipo de estratégia utilizada repercute no tipo de desenlace obtido. Dessa forma, apesar da estratégia permanecer firme não ter obtido uma resposta padrão, o mesmo não pode ser dito em relação à estratégia negociação. Uma ilustração disso é a constatação de que a estratégia de encerramento do tipo negociação ter sido seguida por respostas de desvencilhamento, principalmente no grupo de meninas não-amigas. Outro exemplo seria o de que as crianças que conduziram o conflito por meio de negociação terem obtido respostas de concordância de seus parceiros.

A amizade é um contexto de socialização que promove o desenvolvimento de habilidades sociais: em situações de conflito as crianças amigas negociam e concordam mais no processo de resolução dessas situações. Por outro lado, a relação diádica sem vínculo de amizade evidencia que situações não-amistosas não são bem-vindas nem são estimulantes aos meninos. Na literatura há referência de que a situação diádica deve ser considerada, no geral, como mais adaptada às meninas (Maccoby, 1990; Benenson, 1993). Desse modo, esperar-se-ia que os comportamentos específicos para manter a interação da díade fossem mais facilmente emitidos pelas meninas. No entanto, no presente trabalho estes comportamentos comuns entre meninas também o foram para as díades de meninos amigos. Pode-se dizer que uma conclusão importante desse estudo é a de que para díades de meninos a relação de amizade promove o aparecimento dos mesmos comportamentos socialmente dirigidos que aparecem nas díades de meninas.

Considerações finais

São oportunas as afirmações de Garvey (1974), de Eisenberg e Garvey (1981) e de Vespo e Caplan (1993), no que concerne à presença nas relações de amizade de aspectos de reciprocidade, conhecimento prévio e mútuo e de atitudes que possibilitam às crianças continuarem seus relacionamentos, uma vez que, ajudam a compreender porque as crianças amigas, neste estudo, tiveram êxito na resolução de seus conflitos.

Reconhece-se que o presente estudo apresentou uma tendência para análise quantitativa dos resultados. Contudo, na medida do possível procurou-se salientar resultados não significativos, mas que, de uma perspectiva qualitativa, indicaram semelhanças, ou mesmo distinções, com a literatura disponível. Entende-se que o uso conjunto de dados quantitativos e qualitativos, nos estudos de interação, deve ser considerado nas investigações sobre interação de crianças. A propósito, ainda que não utilizada nesta pesquisa, a análise microgenética dos significados das interações nos

episódios fornece meios para uma conjunção harmônica entre qualidades e quantidades nos estudos que abordam relacionamentos e interações em crianças.

Sugestões para intervenções necessitam de mais estudos, mas os educadores poderiam incluir em suas avaliações observações sobre os comportamentos interativos das crianças em situações de conflito, levando em consideração gênero e relação de amizade. Situações que auxiliassem as crianças poderiam ser implementadas como aquelas em que aprendem habilidades sociais com seus próprios pares. Crianças com maiores dificuldades poderiam beneficiar-se, por exemplo, da interação com companheiros socialmente mais competentes (Selman & Schultz, 1989).

Referências

- Azmitia, M., & Montgomery, R. (1993). Friendship, transactive dialogues, and the development of scientific reasoning. *Social Development, 2*(3), 202-221.
- Benenson, J. F. (1993). Greater preference among females than males for dyadic interaction in early childhood. *Child Development, 64*(2), 544-555.
- Bukowski, W., Newcomb, A., & Hartup, W. (1996). Friendship and its significance in childhood and adolescence: Introduction and comment. Em W. Bukowski, A. Newcomb e W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp.1-15). Cambridge: Cambridge University Press.
- Chen, D. W., Fein, G. G., Killen, M., & Tam, H-P. (2001). Peer conflicts of preschool children: Issues, resolution, incidence, and age-related patterns. *Early Education and Development, 12*(4), 523-544.
- Eckerman, C. O., Davis, C. C., & Didow, S. M. (1989). Toddlers' emerging ways of achieving social coordinations with a peer. *Child Development, 60*(2), 440-453.
- Eisenberg, A. R., & Garvey, C. (1981) Children's use of verbal strategies in resolving conflicts. *Discourse Process, 4*, 149-170.
- Fonzi, A., Schneider, B. H., Tani, F., & Tomada, G. (1997). Predicting children's friendship status from their dyadic interaction in structured situations of potential conflict. *Child Development, 68*(3), 496-506.
- Garcia, A. (2005). Psicologia da amizade na infância: Uma revisão crítica da literatura recente. *Interação em Psicologia, 9*(2), 285-294.
- Garvey, C. (1974). Some properties of social play. *Merrill-Palmer Quarterly Behavior and Development, 20*, 163-180.
- Gottman, J. M. (1983). How children become friends. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 48*(3, Serial No 201).

- Hartup, W. W. (1989). Behavioral manifestations of children's friendships. Em T. J. Berndt e G. W. Ladd (Orgs.), *Peer relationships in child development* (pp.46-70). New York: Wiley & Sons.
- Hartup, W. W. (1992). Friendships and their developmental significance. Em H. McGurk (Org.), *Child social development: Contemporary perspectives* (pp.175-205). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hartup, W. W. (1996). Cooperation, close relationships, and cognitive development. Em W. Bukowski, A. Newcomb e W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp.213-237). Cambridge: Cambridge University Press.
- Hartup, W. W., French, D. C., Laursen, B., Johnston, M. K., & Ogawa, J. R. (1993). Conflict and friendship relations in middle childhood: Behavior in a closed-field situation. *Child Development*, 64(2), 445-454.
- Hartup, W. W., Laursen, B., Stewart, M. I., & Eastenson, A. (1988). Conflict and the friendship relations of young children. *Child Development*, 59(6), 1590-1600.
- Hinde, R. A., Titmus, G., Easton, D., & Tamplin, A. (1985). Incidence of 'friendship' and behavior toward strong associates versus nonassociates in preschoolers. *Child Development*, 56(1), 234-245.
- Howes, C. (1983). Patterns of friendship. *Child Development*, 54(4), 1041-1053.
- Howes, C. (1987). Peer interaction of young children. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 53 (1), n° 217.
- Howes, C. (1996). The earliest friendships. Em W. Bukowski, A. Newcomb e W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp.66-86). Cambridge: Cambridge University Press.
- Kerns, K. A. (1996). Individual differences in friendship quality: Links to child-mother attachment. Em W. Bukowski, A. Newcomb e W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp.137-157). Cambridge: Cambridge University Press.
- Killen, M. (1989). Context, conflict, and coordination in social development. Em L. T. Winegar (Org.), *Social interaction and the development of children's understanding* (pp.119-146). Westport, CT: Ablex Publishing.
- Killen, M., & Turiel, E. (1991). Conflict resolution in preschool social interactions. *Early Education and Development*, 2(3), 240-256.
- Ladd, G. W. (1990). Having friends, keeping friends, making friends, and being liked by peers in the classroom: Predictors of children's early school adjustment? *Child Development*, 61(4), 1081-1100.
- Ladd, G. W. & Kochenderfer, B. J. (1996). Linkages between friendship and adjustment during early school transitions. Em W. Bukowski, A. Newcomb e W. Hartup (Orgs.),

- The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp.322-345). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ladd, G. W., & Price, J. M. (1987). Predicting children's social and school adjustment following the transition from preschool to kindergarten. *Child Development*, 58(5), 1168-1189.
- Laursen, B., & Hartup, W. W. (1989). The dynamics of preschool children's conflicts. *Merrill-Palmer Quarterly*, 35, 281-297.
- Maccoby, E. E. (1990). Gender and relationships: A developmental account. *American Psychologist*, 45(4), 513-520.
- Masters, J. C., & Furman W. (1981). Popularity, individual friendship selection, and specific peer interaction among children. *Developmental Psychology*, 17(3), 344-350.
- Miller, P. M., Danaher, D. L., & Forbes, D. (1986). Sex-related strategies for coping with interpersonal conflict in children age five and seven. *Developmental Psychology*, 22(4), 543-548.
- Nelson, J., & Aboud, F. E. (1985). The resolution of social conflict between friends. *Child Development*, 56(4), 1009-1017.
- Newcomb, A. F., & Bagwell, C. L. (1995). Children's friendship relations: A meta-analytic review. *Psychological bulletin*, 117(2), 306-347.
- Newcomb, A. F., & Bagwell, C. L. (1996). The developmental significance of children's friendship relations. Em W. Bukowski, A. Newcomb e W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp.289-321). Cambridge: Cambridge University Press.
- Newcomb, A. F., & Brady, J. E. (1982). Mutuality in boys' friendship relations. *Child Development*, 53(2), 392-395.
- Perry, D. G., Perry, L. C., & Kennedy, E. (1992). Conflict and the development of antisocial behavior. Em C. U. Shantz e W. W. Hartup (Orgs.), *Conflict in child and adolescent development* (pp.301-329). New York: Cambridge University Press.
- Rizzo, T. A., & Corsaro, W. A. (1988). Toward a better understanding of Vygotsky's process of internalization: Its role in the development of the concept of friendship. *Developmental Review*, 8(3), 219-237.
- Rose, A. J., & Asher, S. R. (1999). Children's goals and strategies in response to conflicts within a friendship. *Developmental Psychology*, 35(1), 69-79.
- Rubin, K. H. (1986). Play, peer interaction, and social development. Em A. W. Gottfried e C. C. Brown (Orgs.), *Play interactions: The contribution of materials and parental involvement to children's development* (pp. 163-174). Lexington: Lexington Books.
- Selman, R. L., & Shultz, L. H. (1990). Children's strategies for interpersonal negotiation with peers: An interpretative/empirical approach to the study of social development. Em

- T. J. Berndt e G. W. Ladd (Orgs.), *Peer relationships in child development* (pp. 371-406). New York: Wiley & Sons.
- Shantz, C. U. (1987). Conflicts between children. *Child Development*, 58(2), 283-305.
- Shantz, C. U., & Shantz, D. W. (1985). Conflict between children: Social-cognitive and sociometric correlates. *New Directions for Child Development*, 29, 3-21.
- Tomada, G., Schneider, B. H., & Fonzi, A. (2002). Verbal and nonverbal interactions of four- and five-year-old friends in potential conflict situations. *The Journal of Genetic Psychology*, 163(3), 327-339.
- Vespo, J. E., & Caplan, M. (1993). Preschoolers' differential conflict behavior with friends and acquaintances. *Early Education and Development*, 4(1), 45-53.
- Webere, M. J. G., & Baudonnière, P. M. (1988). Friendship among preschool children. *International Journal of Behavioral Development*, 11(3), 291-304.

Received: 02/03/2007

Accepted: 17/05/2007